

As mulheres nas crônicas de João do Rio¹

Isabel Travancas²

Jeniffer Batista³

Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ

Resumo

Este artigo propõe uma leitura das crônicas de João do Rio reunidas na obra *A alma encantadora das ruas*, com foco em “A musa das ruas” e “A mariposa do luxo”. A análise centra-se na representação das personagens femininas, evidenciando como a ironia do autor revela contradições sociais e de gênero no espaço urbano. O objetivo é examinar essas figuras dentro de uma perspectiva crítica, destacando como as mulheres são atingidas por estigmas, marginalizadas e, ao mesmo tempo, retratadas como símbolos ambíguos da cidade, oscilando entre o encantamento, a vigilância moral e a exclusão.

Palavra-chave: João do Rio; mulher; crônica; ironia.

Introdução

Paulo Barreto, mais conhecido pelo pseudônimo de João do Rio (1881-1921), foi jornalista, escritor, tradutor e também dramaturgo. Mais do que um cronista das ruas cariocas, foi um provocador de sensibilidades num tempo em que os papéis sociais eram rigidamente definidos — especialmente os femininos. Em suas crônicas-reportagens — muitas delas publicadas na *Gazeta de Notícias* — deu voz a personagens esquecidas e escandalosas: prostitutas, operárias, dândis decadentes, religiosas aflitas e mulheres que ousavam querer mais do que o papel de mãe ou esposa. Ao mesmo tempo que documentava o cotidiano carioca, satirizava as hipocrisias sociais e lançava luz sobre as primeiras reivindicações femininas por autonomia e dignidade.

Metodologia

A análise de conteúdo foi utilizada para a seleção de duas crônicas: “A musa das ruas” e “Mariposas do luxo”. Entendemos a análise de conteúdo (Fonseca Júnior, Wilson; 2005, p. 285) como uma técnica híbrida que oscila entre a análise qualitativa e quantitativa.

¹ Trabalho apresentado no GP Produção Editorial do 25º Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 48º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Professora do Curso de Produção Editorial da Universidade Federal do Rio de Janeiro (ECO-UFRJ), e-mail: isabeltravancas@gmail.com.

³ Graduanda do Curso de Produção Editorial da Universidade Federal do Rio de Janeiro (ECO-UFRJ), e-mail: jenifferbatista031@gmail.com.

A ironia de João do Rio

A ironia é uma figura de linguagem usada para se dizer alguma coisa por meio de expressões que remetem propositalmente, ao oposto do que foi dito. A jornalista Claudia Lemos (1994: 45) ao analisar a ironia no jornalismo, chama a atenção para “dois elementos que dão charme à ironia: ambiguidade e o efeito de cumplicidade que ela cria”. O próprio título da crônica “As mariposas de luxo” já traz a ironia de João do Rio (2024, p.213) ao relacionar duas “raparigas” passeando e vendo vitrines. Ele vai descrevendo seu passeio: “Ninguém as conhece, ninguém nelas repara, a não ser um ou outro caixeiro em mal de amor ou algum picante sacerdotes de conquistas”.

As musas e as mariposas

Neste artigo selecionamos duas crônicas que expressam o amor de João do Rio pela cidade e demonstram seu olhar de jornalista e cronista que observava o cotidiano do Rio de Janeiro.

Na crônica “**As mariposas do luxo**” o autor volta seu olhar para o universo das cortesãs da elite carioca, revelando muito mais que o brilho superficial que as cercava. Ao expor as ambiguidades e tensões que marcam essas mulheres – entre aparência e realidade, desejo e solidão, liberdade e exclusão – João do Rio rompe com os estigmas morais da época evidenciando a complexidade e as dificuldades de suas vidas. Longe de julgá-las, adota uma postura de escuta e compreensão, reconhecendo suas estratégias de sobrevivência em uma sociedade que as marginaliza.

Em “**A musa encantadora das ruas**”, as mulheres são protagonistas silenciosas da cidade. Elas têm um ideal de beleza espontânea longe da aristocracia e mais próxima do cotidiano da vida. A musa das ruas é viva, é corpo em movimento, é desejo em plena luz do dia — e, por isso mesmo, é também alvo da vigilância moralista e do preconceito de classe. Sua presença sugere uma feminilidade indomada, que fascina tanto quanto inquieta os olhos masculinos habituados a domar o olhar. “A musa urbana, a Musa das ruas, que ri dos grandes fatos e canta seus amores pelas esquinas, nas noites de luar, a Musa é a de todo um milhão de indivíduos” (2024: p.347). João do Rio reconhece nelas a expressão de uma feminilidade popular que resiste, circula e se reinventa na cidade.

Conclusão

O jornalista e escritor transforma figuras femininas anônimas em musas e a vida urbana em personagem central. João do Rio redefine os limites entre jornalismo e literatura. Suas crônicas não apenas revelam as mulheres invisíveis no cotidiano da cidade, mas também ampliam seus textos como forma de registro sensível e crítico das tensões sociais do seu tempo.

Referências Bibliográficas:

CORTEZ, Luiza. *As crônicas de João do Rio e as facetas urbanas do feminino*. João Pessoa: UFPB, 2012.

FONSECA Júnior, Wilson. “Análise de conteúdo” In: Métodos e técnica de pesquisa em comunicação. SP: Atlas, 2005. Páginas 280-315.

LEMOS, Claudia. “Veneno administrado ou ironia a serviço da objetividade jornalística”. Belo Horizonte, UFMG, *Cadernos de Pesquisa*, n. 16, p. 45-57, 1994.

MARTINS, Luis (org.) *João do Rio: uma antologia*. Rio de Janeiro: José Olympio, 2024

RIO, João do. *Alma encantadora das ruas*. João do Rio; edição comentada por Luiz Antonio Simas. Rio de Janeiro, 2024.